

MAÇONARIA TUPINIQUIM

JORNAL



PERIÓDICO OFICIAL DO PROJETO MAÇONARIA TUPINIQUIM



NESTA EDIÇÃO

CLOVES GREGORIO

PÁGINA 2

LUIS FELIPE MOURA

PÁGINA 5

MARCOS VINICIUS

PÁGINA 7



UM PASSEIO PELA MAÇONARIA DE BRASÍLIA

CONTEXTO HISTÓRICO DA MAÇONARIA NA EUROPA E NA INGLATERRA

POR MARCOS VINICIUS OLIVEIRA

Muito já se falou e se escreveu sobre a História da Maçonaria. Existem diversos livros e até mesmo inúmeros textos publicados na Internet versando sobre este tema. Como neste libelo nossa proposta é tentar entender as possíveis causas que levaram as quatro Lojas de Londres a fundarem a Primeira Grande Loja de Londres e Westminster, então ficaremos circunscritos aos fatos relevantes ocorridos mais especificamente na Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda, que atualmente formam a Grã-Bretanha.

MAÇONARIA TUPINIQUIM

MAÇONARIA: PROBLEMAS MODERNOS OU ANTIGOS?

POR LUIS FELIPE MOURA

Choque de gerações, novos tempos, entre outros assuntos que envolvem mudanças na Maçonaria costumam gerar bastante polêmica.

No entanto, este artigo se propõe a demonstrar que nem tudo é o que parece e que, muitas vezes, aquilo que é interpretado como um problema da modernidade, na realidade, não tem nada de novo.

PÁGINA 1

EDITORIAL

POR CLOVES GREGORIO

O Maçonaria Tupiniquim Jornal é um periódico que apresenta textos e estudos referentes a história, liturgia e cultura da maçonaria, visando instruir e informar acerca da fraternidade a irmãos estudiosos.

O periódico será distribuído mensalmente em formato eletrônico para os apoiadores do Maçonaria Tupiniquim, através da plataforma apoia.se, disponível no endereço eletrônico a seguir:
apoia.se/maconariatupiniquim

Nesta edição apresento a vocês minha experiência visitando a diversas instituições maçônicas em Brasília.

Um texto do irmão Luis Felipe Moura trazendo o choque de gerações através de exemplos reais, ressaltando a importância, acesso e utilização das informações, assim como a problematização da aquiescência cega de orientações pautadas em usos e

costumes.

O Irmão Marcos Vinicius Oliveira nos brinda com um maravilhoso passeio, buscando compreender e contextualizar a história da formação das quatro lojas que deram origem a Grande Loja de Londres, mãe da maçonaria moderna.

Espero que gostem!

Cloves Gregorio



APOIA.se

“

**ESSA HISTÓRIA COMEÇA
COM AMIZADE
FRATERNA, UM DOS
PILARES DA
MAÇONARIA MODERNA.**

UM PASSEIO PELA MAÇONARIA DE BRASÍLIA

POR CLOVES GREGORIO

Essa história começa com amizade fraterna, um dos pilares da Maçonaria moderna. Eu conheci o mano Guilherme Cândido em 2015 através do famoso grupo de WhatsApp Ritos e Rituais, onde nos aproximamos pelo gosto em comum do estudo da história e liturgia maçônica. Em 2016 fui ao seu encontro em Maringá para o lançamento do Livro Rito de York, um compêndio de vários textos produzidos pela Loja Frank Marshall N° 170, pioneira no Rito Americano no Grande Oriente do Paraná. No final do ano passado (2021), já morando em Brasília, o Guilherme me comunicou que seria instalado Venerável Mestre na Loja George Washington no recém fundado Grande Oriente Maçônico do Distrito Federal, obediência esta confederada a COMAB. Essa notícia encheu meu coração de alegria e fez com que eu me organizasse para participar desta cerimônia, e assim o fiz.

Do avião, entre as nuvens do céu nublado grandes retângulos, hora verdes, hora vermelhos se apresentavam como capital

federal deste país, e depois de um pouso tranquilo com alegria fui recebido pela cunhada Iasmini, esposa do Irmão Guilherme, e o irmão Anderson Cândido, past Venerável Mestre da Frank Marshall em Maringá e pai do mestre que viria a ser instalado.



Guilherme e Eu em 2016

A única referência de Brasília que eu tinha, era através das músicas do Legião Urbana, e assim como João de Santo Cristo, fiquei bestificado com a cidade, não com as luzes de Natal, pois é fevereiro, mas com os traços do Grande Arquiteto, não o do Universo, estou falando nesse caso do Niemayer, e com esse sentimento cheguei ao apartamento que fiquei hospedado.

Aqui vai uma boa pedida para pessoas que assim como eu não possuem muita grana. Eu fiquei hospedado no quarto de um apartamento utilizando o Airbnb, um aplicativo de aluguel de quartos, casas etc. Na maioria das vezes tem opções mais baratas que hotel, com a diferença que não tem café da manhã, pois é a casa de alguém. Eu tive uma experiência muito boa com a família que me recebeu, valendo a pena tanto pelo valor e locali-

dade, quanto pela atmosfera da receptividade dos anfitriões.

Eu cheguei três dias antes da cerimônia, o que me deu tempo de passear pela cidade e conhecer pontos turísticos, bares e restaurantes, mas foi de fato na segunda-feira do dia 07 de fevereiro que levantei cedo, tomei um café forte e fui a peregrinação. Comecei pela Catedral Metropolitana de Brasília (Nossa Senhora Aparecida), que tem sua suntuosa cúpula erigida do chão e seu interior aprofunda-se abaixo do solo. De frente para a entrada subterrânea fui encarado pelos quatro evangelistas moldados em bronze pelo artista Alfredo Cheschiat. Pedi bênção ao Santo de nome João e continuei. Dali passei a pé circulando o congresso pelo Itamaraty, Supremo Tribunal Federal, Palácio do Planalto e por fim o Palácio da Justiça. Neste momento a secura do ar já tinha arranhado minha garganta, e foi daí que fiz uma pausa e tomei um refrescante suco de caju. Pedi um carro de aluguel com destino ao palácio do Grande Oriente do Brasil.



Imagem de São João Sobreposta a Catedral Metropolitana de Brasília



Lá chegando me identifiquei na portaria e fui conduzido ao Museu Ariovaldo Vulcano, onde fui recebido pelo museólogo Vinícius, que foi muito atencioso em me apresentar o acervo. Um verdadeiro tesouro da história da Maçonaria Brasileira, e dentre os itens estavam: Bíblia do século XIX utilizada pela Loja União e Tranquilidade, joias de oficiais utilizadas por lojas do Distrito Inglês, aventais, medalhas, canecas e muitas outras coisas. Fui levado ainda ao templo nobre, onde ocorre as assembleias do Grande Oriente do Brasil.



Após sair do Grande Oriente do Brasil encontrei o Irmão Gabriel Mello, também conhecido como Pudim, para almoçar em um pitoresco bar de Brasília que serve um PF de respeito, o Gambar. Após o almoço partimos para a Grande Loja Maçônica do Distrito Federal, onde o Irmão Pudim me guiou pelas dependências desta obediência. O templo é

lindíssimo e traz em sua porta entalhes com a temática egípcia.



No mesmo terreno fica o Centro Nacional de Liderança e Memorial do Supremo Conselho DeMolay que contém vasto acervo de joias, carteirinhas, rituais, manequins com vestimentas, pinturas e uma estátua do patrono que dá nome a esta Fraternidade. O edifício ainda conta com a réplica do escritório de Frank Sherman Land, criador da fraternidade para jovens que é patrocinada pela Maçonaria.

A cereja do bolo ainda estava por vir, ou seja, a sessão que fez eu ir até Brasília. Beirando as 19:00 horas o mano Guilherme passou para me buscar, acompanhado de seu pai Anderson e seu afilhado de Maçonaria Rangel. Todos estávamos trajados de acordo. Chegando ao local de reunião, a sala da Loja que fica no edifício da Grande Loja Maçônica do Distrito Federal, encontramos ainda com o Tiago Valenciano, hoje secretário da Sapientíssima Assembleia Legislativa do Grande Oriente do Paraná, e também amigo de longa data. Assim que nos foi dada permissão ingressamos na sala da Loja e a reunião da George Washington N°04 foi aberta pelo Venerável Mestre Alcides Barbacovi, que deu entrada ao Sereníssimo Grão Mestre do Grande Oriente Maçônico do Distrito Federal Antônio do Carmo Ferreira, um dos fundadores da COMAB, e a seu Eminentíssimo Grão Mestre Adjunto Walter de Paula, que foram recebidos com a pompa apropriada.



Centro Nacional da Liderança DeMolay e réplica do Escritório de Frank Sherman Land



Da esquerda para a direita: O past venerável mestre Alcides Barbacovi, o Sereníssimo Grão Mestre Antonio do Carmo, O Venerável Mestre Guilherme Cândido e o Secretário de Finanças Luiz Gonzaga.

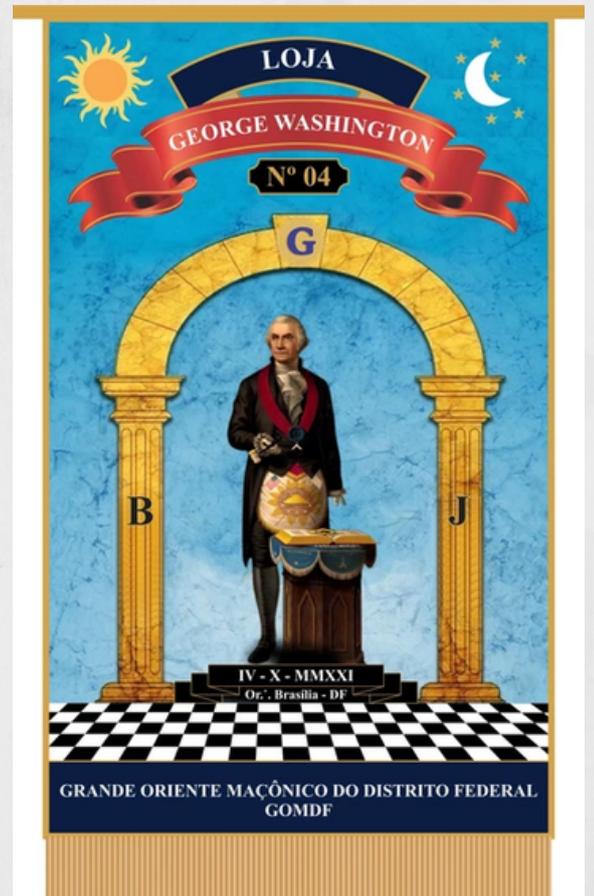


Da esquerda para a direita: Irmão Rangel (PR), Anderson Cândido (PR), Guilherme Cândido (DF), Eu (RJ) e Tiago Valenciano (PR).

A obediência recém-formada destaca-se pela organização e qualidade nos trabalhos litúrgicos. O Sereníssimo Grão Mestre Antônio do Carmo nomeou seu adjunto como mestre instalador. O Eminentíssimo Grão Mestre Adjunto Walter, demonstrou domínio e exatidão na direção da cerimônia de instalação, deixando todos os presentes extasiados com a beleza do ritual. Na hora da fala, o Irmão Anderson Cândido emocionou a todos ao expor seus sentimentos ao ver seu filho empossado. Eu estava feliz por partilhar a alegria e satisfação do meu amigo e Irmão Guilherme Cândido, que já de posse do malhete encerrava a cerimônia de cor, dando prova de sua intimidade com o Rito de York e seu comprometimento com a sua oficina.



Selo do Grande Oriente Maçônico do Distrito Federal



Estandarte da Loja George Washington N° 04

Cloves Gregorio é Venerável Mestre da ARLS União Barão do Pilar N° 21 - GORJ/COMAB, Escritor e Historiador.

MAÇONARIA: PROBLEMAS MODERNOS OU ANTIGOS?

POR LUIS FELIPE MOURA

Introdução

Choque de gerações, novos tempos, entre outros assuntos que envolvem mudanças na Maçonaria costumam gerar bastante polêmica.

No entanto, este artigo se propõe a demonstrar que nem tudo é o que parece e que, muitas vezes, aquilo que é interpretado como um problema da modernidade, na realidade, não tem nada de novo.

Antes da Era da Informação, a Maçonaria brasileira no geral, bem como uma grande quantidade de lojas em particular, viviam numa espécie de bolha de realidade, isoladas do restante do mundo e da história maçônica em uma série de coisas. Afinal, manuscritos, livros e até mesmo conversas com o resto do mundo ficavam restritos a uns poucos.

Mas a realidade atual é outra. E, através de dez exemplos reais, este artigo demonstrará que muitas vezes aquilo que é percebido como uma mudança ruim, na realidade, nada mais é do que um fenômeno antigo.

1) Ritual canibalizado?

Algumas semanas atrás, um amigo me ligava e dizia-se chateado com os desdobramentos do Rito Escocês Antigo e Aceito no Grande Oriente do Brasil. Segundo ele, o ritual havia sido canibalizado e havia uma insatisfação geral na loja com seu conteúdo. Cogitavam até trocar de Potência.

Pedi pra ver o ritual e pude constatar que diversos dos enxertos que foram feitos ao rito nas últimas décadas haviam sido removidos. De modo que aquele era um dos rituais mais próximos do ritual francês de 1829 em prática aqui no Brasil. Quando esclareci isso a meu amigo, ele demonstrou enorme surpresa.



Capa do Ritual do Rito Escocês Antigo e Aceito de 1829

Não importa se alguém é contra ou a favor da revisão dos rituais e eliminação dos enxertos. Fato é que muitas vezes os rituais revisados podem se basear numa prática mais antiga. Não se pode considerar que isso seja uma inovação!

2) Sem Entrada Ritualística

Numa crítica recente às sessões virtuais, presenciei alguns irmãos dizendo que não poderiam considerar aquilo como sessão porque não havia como ter entrada ritualística em uma sessão virtual.

Independentemente da posição que alguém tenha sobre sessões virtuais, ocorre que entrada ritualística não é prevista em diversos ritos ou trabalhos. Rituais do York, Emulação, entre outros, preveem que os trabalhos comecem com os irmãos já em loja.

Mesmo no Rito Escocês Antigo e Aceito, a entrada ritualística não consta nos primeiros rituais. O que não quer dizer que ela seja ruim. Apenas, não se define Maçonaria a partir desse fato.

3) Contra o Espírito da Coisa?

Outra crítica às reuniões virtuais diz que conceder graus de forma virtual quebraria o espírito da coisa, já que não teríamos ritualística e a passagem se resumiria a uma mera leitura.

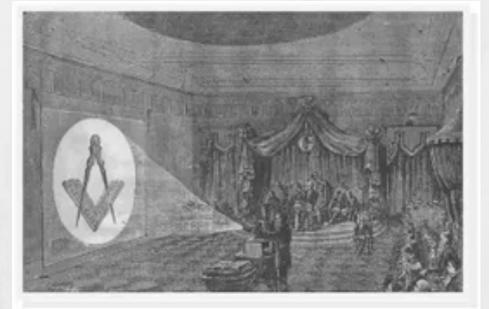
A crítica a isso ser um processo sem graça e bem inferior à teatralidade e às cerimônias das sessões não deixa de ser bastante válida. O problema é que novamente isso é apontado como um problema moderno.

Se alguém atentar para os rituais originais de Charleston do REAA, produzidos no começo do século 19, verá que a ritualística era extremamente simples e os graus eram quase que essencialmente leitura.

A teatralização e maior elaboração das cerimônias foi algo que começou a ser desenvolvido meados do século 19 em diante.

4) Uso de Novas Tecnologias

Outro problema apontado como recente seria o uso de novas tecnologias.



Porém, uma gravura datando de cerca de 1900, no acervo do museu do Rito Escocês do Supremo do Norte dos EUA (NMJ) mostra um retroprojetor sendo usado em loja para ilustrar o conceito dos graus.

Em outras palavras, a Maçonaria já incorpora novas tecnologias a favor de suas sessões há mais de 120 anos!

5) A Maçonaria agora aceita mulheres?

Recentemente, a Grande Loja Unida da Inglaterra postou uma foto conjunta com a Maçonaria feminina.

A foto gerou vários comentários raivosos de maçons brasileiros, mas o que chamou a atenção foram alguns comentários reclamando da 'modernidade' no aceite de mulheres na Maçonaria, o que uns classificavam como traição, outros como comércio, uns tantos ainda como o presságio apocalíptico do fim da Maçonaria.

Ocorre, porém, que existem duas Grandes Lojas femininas na Inglaterra com quem a GLUI tem amizade: a *Honourable Fraternity of Ancient Freemasons*, que foi fundada em 1913, e a *Order of Freemasonry for Women*, que se tornou estritamente feminina na década de 1920.

Como se pode ver, a Maçonaria feminina na Inglaterra tem literalmente mais de um século. Além de décadas de amizade com a GLUI. Ou seja, não se trata de uma questão recente.

6) Estão desrespeitando os Landmarks?

Analogamente, não é incomum ver maçons alegando que algo vai contra os Landmarks quando veem coisas que lhes causam estranheza. E qual não é o espanto de muitos ao saber que os landmarks de Mackey, criados em 1858, nunca foram adotados como critério pela Inglaterra, que é quem mais dá as cartas em termos de regularidade maçônica no mundo e tem seus próprios Princípios de Regularidade, nem são adotados como padrão universal pelas Grandes Lojas norte-americanas.

Isso sem contar que, ao longo do século 19, vários compilados de landmarks foram propostos por autores diferentes. Nenhum deles foi adotado de forma universal.

Discussões, portanto, revolvendo em torno de coisas que destoam os landmarks de Mackey também não podem ser tratadas como inovações.

7) Revisionismo?

Não são poucos os que vociferam contra irmãos que se levantam para denunciar as ideias e alegações fantasiosas de autores como Rizzardo da Camino, Jorge Adoum, Jean-Marie Ragon, entre outros. Alegam que fazer tal coisa seria matar a alma da Maçonaria.

Mas, novamente, essa questão está longe de ser uma atitude revisionista moderna.

Muito pelo contrário, a própria loja Quatuor Coronati 2076, da Grande Loja Unida da Inglaterra, foi fundada exatamente porque os maçons ingleses já questionavam desde, pelo menos, meados século 19, as ideias fantasiosas propagadas por alguns sobre as origens e desenvolvimentos da Maçonaria.

E os registros históricos da Quatuor Coronati indicam que a loja questionava ideias lendárias propagadas por ninguém menos do que o próprio James Anderson, autor das famosas constituições que carregam seu nome.

Ou seja, a Maçonaria nunca teve um autor como sagrado ou acima de qualquer crítica, e sempre teve pessoas que criticaram a romantização de suas origens.

8) Maçons não estudam mais?

Igualmente é comum ver irmãos reclamando que nos tempos deles os estudos eram sérios e supostamente muito mais conhecedores de Maçonaria do que atualmente, como se os tempos atuais fossem piores.

No entanto, em 1875, Albert Mackey fez a seguinte reclamação:

“No entanto, nada é mais comum do que encontrar maçons que estão em trevas totais sobre tudo o que se relaciona com a Maçonaria. Eles são ignorantes de sua história – eles não sabem se é uma produção de cogumelos hoje, ou se remonta a idades remotas em sua origem. Eles não têm compreensão do significado esotérico de seus símbolos ou suas cerimônias, e dificilmente estão familiarizados com seus modos de reconhecimento. E, no entanto, nada é mais comum do que encontrar tais pseudo-sábios de posse de altos graus e às vezes honrados com assuntos elevados na ordem, presentes nas reuniões de lojas e capítulos, intermediando com o processo, tomando uma parte ativa em todas as discussões e teimosamente mantendo opiniões heterodoxas em oposição ao juízo de irmãos de maior conhecimento.” (Reading Masons and Masons Who Do Not Read)

Ou seja, o problema de haver uma grande quantidade de maçons ignorantes, e pior, ostentando altos graus, cargos administrativos, etc. não é exatamente um problema novo.

9) Aventais

Outra discussão que recentemente presenciei dizia respeito ao Rito Escocês Antigo e Aceito nas Potências da COMAB. Alguns irmãos reclamavam que a COMAB teria “suprimido as rosetas” em prol do típico M. B. no avental de Mestre.

Outros ainda discutiam o padrão dos aventais de Mestre Instalado. Novamente, acusando alguns de quererem inovar.

Ocorre, porém, que um manual dos graus franceses publicado em 1820, em Paris, descreve o ritual de Mestre como tendo justamente o M. B. utilizado pela COMAB.

Para piorar, temos o fato de que Instalação é algo inexistente na origem do Rito Escocês Antigo e Aceito, tendo sido incorporada ao rito aqui no Brasil e em outros países. Ou seja, na origem, o R.E.A.A. não tinha avental de Mestre Instalado, de modo que não importa o padrão, já que não há um padrão original a ser seguido.

10) Egrégora

Outra preocupação muito constante entre alguns irmãos é que determinadas posturas corporais ou pequenos desvios ritualísticos possam comprometer a egrégora da loja. Reclamam que as novas gerações não atentam para coisas que poderiam supostamente quebrá-la.

Sem entrar no mérito da questão de se egrégora existe ou não, fato é que até pouco tempo atrás não se ouvia falar tal termo em Maçonaria. E ele certamente não figura em nenhum ritual histórico da Maçonaria nos seus principais ritos e sistemas.

Ou seja, ironicamente, o conceito de egrégora é, em si, a inovação, não os desvios que poderiam supostamente comprometê-la!

Conclusão

A lista poderia continuar, com dezenas de outros exemplos, mas os dez acima já são mais do que suficientes para ilustrar o ponto.

Como se pode perceber, uma parte considerável dos incômodos levantados por alguns irmãos com as supostas mudanças ou inovações dos tempos atuais ou das novas gerações estão muito longe de ser assim. Pelo contrário, às vezes representam até mesmo um resgate de práticas mais antigas.

É importante compreender que a postura do “porque sim” ou do “sempre fizemos desse jeito nesta loja”, para justificar ideias ou práticas, não sobrevivem à possibilidade de escrutínio que a Era da Informação nos trouxe, em que fontes podem ser checadas e informações outrora tidas como verdadeiras podem ser facilmente invalidadas.

A Maçonaria não corre, portanto, risco de extinção por esse processo. Nem é justo atribuir tais coisas, como alguns fazem, ao “danoso espírito inovador.”

Bibliografia

DYER, Colin. The history of the first 100 years of Quatuor Coronati Lodge No. 2076. Disponível em: <<https://www.quatuorcoronati.com/about-qc-lodge/centenary-booklet/>>. Acesso em: <08/09/2021>

JANTZ, Percy. The Landmarks of Freemasonry. Disponível em: <<http://freemasonry.bcy.ca/texts/landmarks.html>>. Acesso em: <08/09/2021>

MACKEY, Albert. Reading Masons and Masons Who Do Not Read. The Master Mason, 1875.

SIMON, Jacques. REAA – Rituel des trois premiers degrés selon les anciens cahiers. Éditions de La Hutte, 2010.

RODRIGUES, Luciano R. Egrégora: um conceito totalmente estranho à tradição maçônica. Disponível em: <Egrégora: um conceito totalmente estranho à tradição maçônica>. Acesso em: <08/09/2021>

Magic Lanterns: Illuminating the Teachings of Freemasonry. Disponível em: <<https://scottishritenmj.org/blog/magic-lantern-freemasonry>>. Acesso em: <08/09/2021>

Manuel Maçonique, ou Tuileur de tous Les Rites de Maçonnerie Pratiqués en France. Paris, 1820.

Ordo Ab Chao: The Original and Complete Rituals of the first Supreme Council, 33° – Vol. 1. Boston: Boemandres Press, 1995.

Women Freemasons. Disponível em: <<https://www.ugle.org.uk/becoming-a-freemason/women-freemasons>>. Acesso em: <08/09/2021>

HFAP: Our history. Disponível em: <<https://hfap.org/about-us/our-history>>. Acesso em: <08/09/2021>

The Order of Women Freemasons: Our History. Disponível em: <<https://www.owf.org.uk/about-us/our-history/>>. Acesso em: <08/09/2021>

Luis Felipe Moura é M.: M.:, membro da ARLS São Paulo de Piratininga 250 (GOP/COMAB). É bacharel em Letras (inglês), mestre em Teologia e em Psicanálise, atualmente trabalha como psicanalista e professor de Bíblia Hebraica.

CONTEXTO HISTÓRICO DA MAÇONARIA NA EUROPA E NA INGLATERRA

POR MARCOS VINICIUS OLIVEIRA

Muito já se falou e se escreveu sobre a História da Maçonaria. Existem diversos livros e até mesmo inúmeros textos publicados na Internet versando sobre este tema. Como neste libelo nossa proposta é tentar entender as possíveis causas que levaram as quatro Lojas de Londres a fundarem a Primeira Grande Loja de Londres e Westminster, então ficaremos circunscritos aos fatos relevantes ocorridos mais especificamente na Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda, que atualmente formam a Grã-Bretanha.

Até o ano de 1707 aqueles quatro países gozavam quase que plenamente de suas autonomias administrativas. Entretanto em primeiro de maio de 1707 foi criado o Reino Unido, homologando o Tratado de União de 1706 que visava unificar a Inglaterra, o País de Gales e a Escócia tendo como primeira regente a Rainha Ana I da Inglaterra que passou a receber o título de Rainha da Grã-Bretanha. A Irlanda só foi unificada ao Reino Unido a partir de janeiro de 1801, sob George III (Jorge III).

Entretanto acreditamos não ser possível compreendermos a totalidade da complexidade deste tema se não conhecermos um pouco melhor sobre a Arte da Construção, sua evolução e organização nos diversos períodos da história em toda a Europa e como esta organização chegou à Inglaterra.



Zigurate de Ur – 2.100 a.C.

Os registros mais antigos que a arqueologia nos proporciona sobre a utilização de material de alvenaria nas construções humanas datam de 6.000 antes de Cristo. Pequenas habitações ou aglomerados destas são encontradas na região da antiga Mesopotâmia. Entretanto o que é mais relevante é a construção dos chamados zigurates, que é um termo acadiano que significa “construção em área elevada”, que irão aparecer por volta do ano 4.000 a.C. nesta mesma região, no chamado Período Ubaid. No Egito as pirâmides só surgiriam a

partir de 2.600 a.C.

Os zigurates eram grandes estruturas piramidais formada por uma sequência de degraus de tijolos até chegar a um terraço em seu topo. Eles foram construídos pelos sumérios, babilônios, acadianos e assírios. Estas grandes construções eram feitas como habitação dos deuses e cada cidade tinha seu próprio deus-patrono. O zigurate de Ur (2.100 a.C.) media 46 metros de largura, 64 metros de comprimento e cerca de 30 metros de altura.

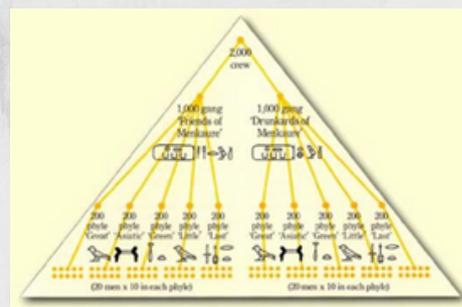
O mais importante, para nós, neste tipo de edificação é o fato de que para a sua execução evidente se torna o fato da necessidade de um mínimo de organização. Ai temos, por dedução, o registro do primeiro agrupamento criado especificamente para a edificação de um grande monumento. Supõe-se que para tal empreendimento não se consumia menos que dez anos.

Contudo não existem registros do tipo de organização de trabalho que foi empregada para a construção dos zigurates. De fato os primeiros registros para tal tipo de organização só iremos encontrar na construção da Grande Pirâmide, no Egito. Segundo o egiptólogo doutor Zahi Hawass, há evidências que de um número próximo de 15.000 a 30.000 trabalhadores empregados na construção da Grande Pirâmide, cerca de 5.000 eram assalariados e permanentes. Hawass acredita que uma boa parcela destes trabalhadores eram voluntários, trabalhavam em troca de comida e bebida. Registros provam que vários recebiam um “salário de subsistência” de 10 pães e uma jarra de cerveja por dia.

Estima-se que apenas 4.000 destes trabalhadores estavam diretamente ligados ao trabalho com as pedras, escolhendo-as, extraíndo-as, lhes dando forma e definindo o local exato em que deveriam ser colocadas.

Registros dão conta de que haviam diversos trabalhadores empregados como escribas, ferramenteiros e para serviços de apoio. Aqui vem o mais importante:

as tumbas dão conta da forma e organização do trabalho. Havia dois grandes grupos de 2.000 trabalhadores cada, chamado de “tripulação” (em alusão a um grande barco). Cada um destes grupos era dividido em mais dois grupos de 1.000 pessoas cada. Estes grupos de mil eram subdivididos em grupos de 200 trabalhadores denominados de zaa (traduzido para o grego como phyles = fraternidades) e estes 200 formavam, finalmente, 10 agrupamentos com 20 especialistas cada. Estes últimos agrupamentos eram divididos por especialidades de acordo com suas habilidades e tendo seu próprio líder e tarefas.



A organização destes grupos é bastante similar a estrutura sacerdotal egípcia. Cada subgrupo de 20 especialistas tinha seu “supervisor” e assim sucessivamente. Esta casta de homens pagos e líderes tinha em mente o valor sagrado do seu trabalho.

O próximo registro de organização do trabalho visando a construção com pedras e tijolos encontramos na Bíblia. Por volta do século XI a.C. Salomão organiza o povo do seu reino para a construção do Templo que demorou cerca de sete anos. O livro de Reis (1 Reis 5:13 ss) dá conta que foram empregados 30.000 homens liderados por Adonirão em três turnos de 10.000 homens para extrair madeira do Líbano. Havia também 70.000 homens designados para as tarefas de transporte e 80.000 para o entalhe das pedras. O versículo 16 dá conta que “*Afora os chefes dos oficiais de Salomão, que estavam sobre aquela obra, três mil e trezentos, os quais davam as ordens ao povo que fazia aquela obra*”.

Mais adiante lemos que *“Estes eram os chefes dos oficiais que estavam sobre a obra de Salomão, quinhentos e cinqüenta, que davam ordens ao povo que trabalhava na obra. (1 Reis 9:23)”*.

Aqui vemos pela primeira vez a divisão hierárquica em três níveis: os 550 chefes, os 3.300 oficiais e os 180.000 trabalhadores em si. Aparentemente tudo isto coordenado por Adonirão. Esta divisão se tornará relevante no futuro para a Maçonaria.

Na Grécia antiga as grandes construções se iniciaram a partir do ano 900 a.C. e pouco se sabe sobre qual teria sido a forma de organização dos seus trabalhadores. É, entretanto, unanimidade entre os pesquisadores, que os gregos se utilizaram basicamente de força de trabalho escrava.

Platão nos dá conta de que a classe dos artesãos gregos não era muito valorizada, pois trabalhavam segundo um sistema de trocas, mas que isto havia mudado a partir do século V a.C. onde ele afirma ter uma “civilização de artesãos”. Para Aristóteles o trabalho manual entorpece e deteriora a mente, não deixando tempo nem energia para se praticar a filosofia e a política.

Desta forma vemos que existiram grandes arquitetos na Grécia, mas o trabalho destes para tornar realidade suas concepções arquitetônicas empregava força escrava e uma coordenação militar no comando das atividades.

Da Grécia temos o legado das três Ordens de Arquitetura: a Dórica, a Coríntia e a Jônica, que serão também posteriormente utilizados na Maçonaria.

Porém tanto na Mesopotâmia, quanto no Egito e em Israel não existe registro de continuidade dos agrupamentos formados para as construções. Eles desaparecem concomitantemente com o fim da obra em que foram empregados.

Os primeiros registros de uma organização reconhecida ‘ipso facto’ pelo Estado iremos encontrar já no período anterior da República Romana (500 a.C.), com os Collegia Opificum, formadas pelo rei Numa Pompilio, segundo rei de Roma (reinou de 715 a 673 a.C.).

O termo Collegium é traduzido literalmente como “juntos pela lei” e funcionavam como grupos sociais ou empresariais organizados. O Collegium não poderia ser formado por menos que três pessoas. Na Grécia antiga temos algo semelhante, a Hetaireia, mas sua finalidade era puramente militar sendo composto por profissionais que eram contratados como guardas pessoais dos reis e nobres.

Destas Corporações romanas interessa-nos mais especificamente o Collegia Fabrorum, ou Colégio de Arquitetos.

O estado exercia o monopólio das atividades econômicas através de licenças específicas de trabalho para estas organizações.

Um censo realizado durante o governo de Marco Aurélio (que reinou de 161 a 180 d.C.) dá conta de mais de duzentas e cinqüenta organizações (collegiuns) em cerca de 75 cidades. Somente em Roma registrou-se oitenta tipos de profissões reunidas em torno destas corporações com estatutos e

regulamentos registrados e reconhecidos pelo Estado.

Com cultura predominantemente politeísta com ênfase ao culto aos antepassados vemos nestas instituições como um misto entre o trabalho e a religiosidade pois a maioria era composto em sua maioria por pessoas de uma mesma família. Assim cada grupo desenvolvia suas próprias preces e rituais que eram praticados em templos familiares, lembrando que os membros destes grupos eram enterrados nas terras que a eles pertencia. Assim quem não fazia parte de uma destas confrarias quando morto era enterrado em vala comum e seus parentes tinham dificuldades em lhe prestar culto.

Aqui percebemos mais um elemento que irá influenciar a ritualística maçônica principalmente relacionada com a Lenda do 3º Grau, o Mestre Maçom.

Quanto mais importante era as atividades de um determinado collegia mais nobres romanos disputavam o direito de ser seu “patrono”, pois isto lhe conferia poder político. Em geral a estrutura organizacional era simples: um curador (praesidis), que o presidia, um secretário (questor) e um tesoureiro (decurião). Abaixo destes o grupo se dividia em subgrupos cada um com seus oficiais (mestres do ofício) e supervisores. Estes grupos tinham reuniões periódicas, promoviam banquetes e exercitavam ações assistenciais.

Como estes grupos sofriam forte influência religiosa, criavam-se ritos de admissão e de passagem de uma para outra função. A transmissão dos ensinamentos era bastante restrita e um membro era severamente punido se deixasse o conhecimento específico do seu grupo vazar para terceiros.

Um curioso fato é que Robert F. Gould em sua História da Maçonaria (Londres, 1727), tenta fazer uma correlação entre a recém criada Maçonaria Obediencial (1717) e os Collegia Fabrorum, mas é evidente que esta desesperada tentativa visava apenas tirar o vínculo da antiga Maçonaria Operativa com as Guildas de Construtores por razões de preconceito puramente religioso, como veremos mais adiante.

Com a cristianização do Império Romano (a partir de 313 d.C.) e a decadência do Império Romano (476 d.C.) entramos no período histórico denominado de Feudalismo que se caracterizou por constantes conflitos causando o empobrecimento da população que passou a trabalhar em troca de proteção do senhor feudal. Foi um período de ruralização da sociedade.

Todo o sistema feudal era voltado para a agricultura e pouca ou quase nenhuma contribuição técnica ou arquitetônica existiu. Foram construídos diversos castelos cuja finalidade principal era de fortificação militar. As pessoas ficavam praticamente confinadas em vilas na circunvizinhança dos castelos ou poderiam sofrer nas mãos de bandidos e invasores de outras terras. Se deslocar de um para outro território não era terminantemente proibida e representava risco de vida.

É ainda neste período que surgem os primeiros mosteiros e serão seus monges que irão dominar a arte da edificação. A Igreja controlava o ensino e os mais letrados ou eram da nobreza ou do clero. O conhecimento da plebe era quase nulo. A organização do ensino era dividida em dois ciclos: o trivium (gramática, retórica, lógica) e o quadrivium (música, aritmética, geometria e astronomia).

As construções desta época eram sempre encabeçadas pelos monges acompanhados por um seleto grupo de leigos que haviam aprendido dentro dos mosteiros a arte da construção, este grupo

formava as Associações Monásticas. O trabalho mais pesado era realizado por cidadãos comuns dos feudos.

Entretanto é neste confuso mundo feudal que temos a oportunidade de encontrar uma Confraria extremamente organizada ainda nos moldes dos Collegia romanos, denominada de Magistri Comacini, ou Mestres Comacini.

No ano de 643 d.C. o Rei Lombardo Rothari (636 a 652 d.C.) promulga um edito conhecido como Edictus Langobardorum com 388 artigos, onde chamamos a atenção para os artigos 144 e 145 que falam sobre a estrutura da confraria de pedreiros chamada de Comacini, com seus Mestres (magistri) seus ajudantes (colligantes) e os auxiliares (servi).

O Reino da Lombardia é o que hoje conhecemos como a Itália, excluindo-se as cidades de Roma e Ravenna que pertenciam ao Império Bizantino.

Historiadores defendem que os segredos da construção com alvenaria dos Collegia Fabrorum romanos nunca foram perdidos na Itália e que os Mestres Comacine eram os herdeiros deste legado.

Marcas típicas das construções Comacini foram encontradas além da Itália, na Península Ibérica, no sul da Alemanha, na Hungria e na Inglaterra.

As Guildas de Construtores, também chamadas de Corporações de Ofício, tiveram seu início a partir do século IX d.C.

Na cidade de York encontramos no ano de 926 d.C. um manuscrito que é na realidade uma espécie de Constituição atribuída a Guilda dos Construtores da cidade de York.

Na realidade não se conhece o original de tal documento, apenas uma versão de 1807 que se diz traduzida do latim para o inglês e o alemão. Este documento foi veementemente rebatido por Findel em 1864, pois não se encontrou dados comprovados dos documento original.

O primeiro documento maçônico de fato é a Carta de Bolonha (na Itália), de agosto de 1248, onde o original se acha arquivado no Arquivo do Estado de Bolonha. Em 1899 o Instituto Histórico da Itália publicou cópia desta Carta no Boletim nº 21, com o título de “A Sociedade de Artes de Bolonha os seus estatutos e inscrições”.

O historiador maçônico, o padre jesuíta Benimeli, considera este o documento maçônico mais antigo e mais importante.

A Carta de Bolonha era destinada a regulamentação das confrarias dos Mestres Pedreiros e os Mestres Carpinteiros. Em 1257 as Assembléias de cada um desses ofícios as separaram em comum acordo.

Na Carta fica patente que a Sociedade é constituída por Mestres e Oficiais, por Aprendizes ligados diretamente ao Mestre e, depois de dois anos, por Aprendizes que entraram para a Sociedade (por mais 3 anos), o que equivaleria posteriormente a Companheiro de Ofício.

O local das reuniões deveria ser ou a Igreja de São Pedro ou o Palácio do Bispo.

Indubitavelmente, a “Carta de Bolonha” é o mais antigo de todos os documentos maçônicos (original) sobre a Maçonaria Operativa. É anterior, em 142 anos, ao “Poema Regius” (1390); 182 anos em relação ao Manuscrito Cooke (1430 / 40); 219 anos em relação ao “Édito de Estrasburgo” reconhecido pelo Congresso Ratisbona em 1459 e autorizado pelo imperador Maximiliano em 1488; e antecede em 59 anos o “Preambulo Veneziano dei Taiapiera” (1307).

Temos ainda as Regras para os Maçons da cidade de Londres, de 1356, onde constamos a existência de Mestres, artífices e aprendizes. Este documento foi redigido visando por fim a uma disputa entre duas facções de maçons de Londres.

É consenso entre os pesquisadores maçônicos que existia a atual forma de Grandes Lojas em York desde 1705, onde começa a lista de nomes de Grão-Mestres, e que há uma infinidade de documentos (atas) desta Grande Loja desde 1693 e da Loja Mãe de Kilwinning, na Escócia, desde 1677. A Loja Mãe Kilwinning é citada por William Schaw em 1598 como a mais antiga Loja de toda a Escócia.

Existia o cargo de Reitor de Mestre Obras para a Coroa da Escócia desde 1529. Com o Ato de União de 1707, James Smith (nascido em 1645) foi nomeado Reitor de Mestre de Obras, mas em 1718 ele escreveu uma carta a John Clerk de Penicuik que ele tinha sido “vergonhosamente desviado do serviço de Sua Majestade, no ano 73 de sua idade”.

Existe uma infinidade de outros documentos maçônicos, mas interessa-nos por hora um último documento, a Carta Régia de 1677, que cria a Venerável Companhia dos Maçons de Londres (e Westminster), cujos registros históricos de sua existência como Guilda remontam a 1356. A função de Superintendente de Obras da Coroa existe desde 1378. Sir Christopher Wren ocupou o cargo de 1689 até 1718. Wren fundou a Real Sociedade de Londres em 1660. Documentos de John Aubrey comprovam que Wren foi “aceito” na Fraternidade dos Maçons Aceitos em 18 de maio de 1691 e Anderson na Constituição dos Maçons de Londres e Westminster, edição de julho de 1723, dá conta que Wren teria sido o Grão Mestre até 1717, quando se formou a Grande Loja de Londres e foi eleito o desconhecido Cavaleiro Anthony Sayer. Wren faleceu em fevereiro de 1723.

No site desta entidade (www.masonsdelivery.co.uk) informa que *“os pedreiros, construtores de nossas grandes catedrais e igrejas, uniram-se em corporações para praticar o que eles chamaram de ‘a arte operativa’ da maçonaria” e, continua, “no entanto, no século 18 a natureza da Maçonaria tinha mudado e as lojas começaram a aceitar membros que não eram pedreiros e assim elas se tornaram Lojas ‘especulativas’ e não ‘operativas’ e ao longo dos próximos dois séculos e meio as lojas têm se movido completamente para longe da arte da cantaria somente se referindo a ferramentas e artefatos de pedreiros em alguns de seus rituais”.*

Fatores que irão influenciar a formação da Grande Loja de Londres e Westminster

No dia 21 de abril de 1509 sobe ao Trono da Inglaterra, França e Irlanda o Rei Henrique VIII, até então católico.

Em 11 de junho de 1509 Henrique VIII tivera que casar-se com Catarina de Aragão, viúva do seu irmão, para assumir definitivamente o Trono da Inglaterra em 24 de junho do mesmo ano, faltando quatro dias para completar a maior idade de dezoito anos.

A Rainha Catarina de Aragão teve sete filhas até 1518, sobrevivendo a fase da infância apenas uma, a princesa Maria. Em 1526 ficou constatado que a Rainha não mais poderia gerar filhos, fato que iria levar Henrique VIII a tentar iniciar um romance com Ana Bolena que logo informou ao Rei que só o aceitaria se este a reconhecesse como sua Rainha. Logo tornou-se um desejo quase insano do Rei a anulação do casamento com a Rainha Catarina.

O Rei procedeu várias tentativas junto à Santa Sé visando a anulação do seu matrimônio. Todas foram rechaçadas pelo Papa Clemente VII.

Não restando outra alternativa para confirmar sua relação com Ana Bolena, que estava grávida, o Rei desposa-a numa cerimônia em 25 de janeiro de 1533 selando, assim, seu enfrentamento com a Santa Sé.

Ana Bolena foi oficialmente reconhecida como Rainha da Inglaterra pelo Parlamento em 01 de junho de 1533, sendo Catarina de Aragão despojada dos seus títulos e sua filha Maria foi declarada “ilegítima”, não mais fazendo jus, portanto, a sucessão real.

“Esta atitude de afronta sem precedentes à Igreja Católica valeu-lhe a excomunhão, declarada por Clemente VII em 11 de julho de 1533. No seguimento da excomunhão, Henrique decidiu o rompimento com a Igreja Católica Romana, declarou a dissolução dos monastérios, tomando assim muitos dos haveres da Igreja, e formou a Igreja Anglicana (Church of England), da qual se declarou líder. Esta decisão tornou-se oficial com o decreto de supremacia (Act of Supremacy) de 1534” (Wikipédia, 2012).

Chegamos aqui ao primeiro ponto de convergência em que as atitudes políticas da realeza da Inglaterra irão influenciar diretamente na formação do Sistema Obediencial maçônico e da criação da Grande Loja de Londres e Westminster, cento e oitenta e quatro anos depois, no dia 24 de junho de 1717.

Mas sabemos que foi a partir de meados do século XVII que a Maçonaria de fato começou a ser modificada de dentro para fora com a crescente adesão de pessoas alheias ao Ofício da construção, geralmente nobres e distintos “cavalheiros”.

O primeiro registro da Loja de Edimburgo contendo uma adesão especulativa é datado de 8 de junho de 1600, e é o mais antigo documento conhecido na Grã-Bretanha e Irlanda. O irmão foi John Boswell, proprietário de terras de Auchinleck, que participou como membro e cujo nome e assinatura atestam a Ata, juntamente com 12 maçons operativos.

De 1600 em diante temos registros de diversos “especulativos” sendo iniciados no ofício. Vários exemplos desta característica notável podem ser citadas, tais como numa loja em Warrington em que Elias Ashmole foi iniciado em 1646. Um registro extraordinário da preponderância de especulativos em uma Loja operativa, é encontrado em Aberdeen, em 1670, onde para 49 membros registados no "Livro de Presença", nem uma dúzia eram operativos, o Mestre era um Tutor em Airth e coletor da alfândega do Rei, enquanto vários de seus companheiros eram nobres ou da aristocracia (classe educada).

Os anos de 1600 a 1660 foram bastante tempestuosos em toda a Inglaterra mas especialmente para os londrinos. Os católicos ainda ensejavam o retorno de um Rei católico ao trono inglês. No outono de 1605 um grupo de extremistas católicos, liderados por Robert Catesby, arquitetaram um plano

que visava provocar uma grande explosão na Câmara dos Lordes, no Parlamento Britânico, durante o ato da abertura da mesma, ocasião onde se reuniriam nela as duas casas do Parlamento (Câmara dos Lordes e Câmara dos Comuns), presidida pelo Rei James I da Inglaterra (Jaime I). Este fracassado evento tornou-se conhecido como a Conspiração da Pólvora.

O Rei James I oficializou o anglicanismo e perseguiu os puritanos e os católicos. Enfrentou diversos conflitos com o Parlamento chegando ao ponto de dissolvê-lo em 1611, governando sozinho durante 10 anos, até 1621, quando convocou um novo Parlamento com o intuito de conseguir financiamento para apoiar a campanha do seu cunhado, Frederico V, nomeado pelos rebeldes protestantes em 1620 como Rei da Boêmia (atual República Checa), contra o Rei Fernando II, do Sacro Império Romano Germânico, durante a Guerra dos Trinta Anos.

A Guerra dos 30 Anos ocorrida de 1618 a 1648 e que atingiu quase a totalidade dos países europeus, caracteriza-se por ser um conflito preponderantemente religioso entre católicos e protestantes, que teve início com a disputa pela sucessão ao trono da Boêmia.

Durante todo aquele período a Europa ficou dividida entre países católicos onde protestantes disputavam o poder e reinos protestantes com os católicos procurando depô-los. Cada um dos lados era financiado por seus pares de outros reinos.

O sucessor de James I, o Rei Carlos I da Inglaterra (Charles I), deu continuidade as políticas do pai tanto do ponto de vista religioso, onde assumiu uma linha ainda mais conservadora, quanto no campo político, quando em 1628 dissolveu o Parlamento só o reconvocando em 1640.

As atitudes do Rei Carlos I culminaram com a invasão ao Parlamento com uma tropa armada, em janeiro de 1642, fato que lhe custou total oposição por parte do Parlamento. Londres já não representava um lugar seguro para o Rei e este foi estabelecer-se em Oxford, dando início à Guerra Civil na Inglaterra. Em 1646 o Rei Carlos I entrega-se as tropas presbiterianas na Escócia. Em 1648 ele é julgado e em 1649 é condenado à morte pelo Parlamento inglês. Entre 1653 e 1658 assume o comando da Inglaterra o Lord Protector, Oliver Cromwell, dissolvendo mais uma vez o Parlamento e impondo uma ditadura militar naquele reino.

Cromwell foi o responsável pela revogação do Ato de Eduardo I que em 1290 expulsara os judeus da Inglaterra. Atendendo ao apelo do rabino português Menasseh ben Israel (Manuel Dias Soeiro), estabelecido em Amsterdã, Cromwell autoriza o restabelecimento judaico.

O curto período de comando de Cromwell foi ainda mais conturbado que o de Carlos I. O filho de Carlos I, Carlos II, refugiara-se na França e com a morte do pai os escoceses o reconheceram como Rei da Escócia, em 1649. Foi a partir da Escócia, país preponderantemente presbiteriano, que Carlos II, financiado pela Espanha e pelo Papa, orquestrou diversas incursões militares contra Londres.

Com a morte de Cromwell em 1658 e o fracasso do seu legado pelo seu filho Richard Cromwell, em 1660 tropas escocesas invadem Londres destituindo-o e dissolvendo o Parlamento existente promovendo uma eleição geral, que resultou na criação da Câmara dos Comuns. Em maio de 1660 a Câmara dos Comuns decretou de imediato que Carlos II seria o soberano legítimo desde a execução de Carlos I em 1649, restabelecendo, assim, a monarquia inglesa.

que visava provocar uma grande explosão na Câmara dos Lordes, no Parlamento Britânico, durante o ato da abertura da mesma, ocasião onde se reuniriam nela as duas casas do Parlamento (Câmara dos Lordes e Câmara dos Comuns), presidida pelo Rei James I da Inglaterra (Jaime I). Este fracassado evento tornou-se conhecido como a Conspiração da Pólvora.

O Rei James I oficializou o anglicanismo e perseguiu os puritanos e os católicos. Enfrentou diversos conflitos com o Parlamento chegando ao ponto de dissolvê-lo em 1611, governando sozinho durante 10 anos, até 1621, quando convocou um novo Parlamento com o intuito de conseguir financiamento para apoiar a campanha do seu cunhado, Frederico V, nomeado pelos rebeldes protestantes em 1620 como Rei da Boêmia (atual República Checa), contra o Rei Fernando II, do Sacro Império Romano Germânico, durante a Guerra dos Trinta Anos.

A Guerra dos 30 Anos ocorrida de 1618 a 1648 e que atingiu quase a totalidade dos países europeus, caracteriza-se por ser um conflito preponderantemente religioso entre católicos e protestantes, que teve início com a disputa pela sucessão ao trono da Boêmia.

Durante todo aquele período a Europa ficou dividida entre países católicos onde protestantes disputavam o poder e reinos protestantes com os católicos procurando depô-los. Cada um dos lados era financiado por seus pares de outros reinos.

O sucessor de James I, o Rei Carlos I da Inglaterra (Charles I), deu continuidade as políticas do pai tanto do ponto de vista religioso, onde assumiu uma linha ainda mais conservadora, quanto no campo político, quando em 1628 dissolveu o Parlamento só o reconvocando em 1640.

As atitudes do Rei Carlos I culminaram com a invasão ao Parlamento com uma tropa armada, em janeiro de 1642, fato que lhe custou total oposição por parte do Parlamento. Londres já não representava um lugar seguro para o Rei e este foi estabelecer-se em Oxford, dando início à Guerra Civil na Inglaterra. Em 1646 o Rei Carlos I entrega-se as tropas presbiterianas na Escócia. Em 1648 ele é julgado e em 1649 é condenado à morte pelo Parlamento inglês. Entre 1653 e 1658 assume o comando da Inglaterra o Lord Protector, Oliver Cromwell, dissolvendo mais uma vez o Parlamento e impondo uma ditadura militar naquele reino.

Cromwell foi o responsável pela revogação do Ato de Eduardo I que em 1290 expulsara os judeus da Inglaterra. Atendendo ao apelo do rabino português Menasseh ben Israel (Manuel Dias Soeiro), estabelecido em Amsterdã, Cromwell autoriza o restabelecimento judaico.

O curto período de comando de Cromwell foi ainda mais conturbado que o de Carlos I. O filho de Carlos I, Carlos II, refugiara-se na França e com a morte do pai os escoceses o reconheceram como Rei da Escócia, em 1649. Foi a partir da Escócia, país preponderantemente presbiteriano, que Carlos II, financiado pela Espanha e pelo Papa, orquestrou diversas incursões militares contra Londres.

Com a morte de Cromwell em 1658 e o fracasso do seu legado pelo seu filho Richard Cromwell, em 1660 tropas escocesas invadem Londres destituindo-o e dissolvendo o Parlamento existente promovendo uma eleição geral, que resultou na criação da Câmara dos Comuns. Em maio de 1660 a Câmara dos Comuns decretou de imediato que Carlos II seria o soberano legítimo desde a execução de Carlos I em 1649, restabelecendo, assim, a monarquia inglesa.

É neste período turbulento que em novembro de 1660 um grupo de doze renomados cientistas, filósofos se unem para criar a Sociedade Real de Londres (RSL), dentre eles se destaca o Arquiteto e maçom operativo Christopher Wren, que presidirá este instituto de 1680 a 1682 e Anderson o lista como Grão Mestre dos “operativos” em 1685 e de 1698 até 1716. Quinze anos depois, em 1695 irá presidir a RSL Charles Montagu, 1º Duque de Manchester e pai de William (John) Montagu (2º Duque de Manchester) a quem em 1723 o Pastor James Anderson dedica as suas Constituições (pelo cargo de Grão Mestre que estava ocupando).

Segundo o Irmão Bruce G. Hogg (Ars Quatuor Coronati vol. 113 – 2000, pg. 93): “a qualquer momento durante a primeira metade do século 18, pelo menos 25% dos membros da Sociedade Real eram maçons”.

O reinado de Carlos II (de 1660 até 1685) teve também seus reveses. Entre 1665 e 1666 ele teve de enfrentar a Peste Negra que dizimou cerca de um quinto da população de Londres e em setembro de 1666 conviveu com o Grande Incêndio de Londres, onde mais de treze mil casas e oitenta e sete igrejas foram atingidas. A partir de 1665 até 1667 travou inúmeros conflitos com a Holanda relacionados à América do Norte. Entre 1668 e 1670 aliou-se a Suécia e a Holanda contra a França de Luis XIV, seu primo. O Rei francês cede e assina um tratado em que se compromete pagar duzentas mil libras por ano a Inglaterra em troca de tropas e da conversão de Carlos II ao catolicismo.

Carlos II tenta manter tal acordo em segredo, entretanto em 1672 ele apóia abertamente a França na Guerra Franco-Holandesa com o envio de tropas e embarcações em favor da França e assina a Declaração de Indulgência, na qual manifestava sua intenção de suspender todas as leis que penalizavam os católicos e a outros dissidentes religiosos.

Temeroso de que a aliança com a França fosse parte de um plano para tornar a Inglaterra Católica, o Parlamento posicionou-se contrário a conceder tolerância religiosa aos católicos opondo-se à Declaração de Indulgência e negou-se a financiar a Guerra Anglo-Holandesa, obrigando Carlos a firmar a paz em 1674.

Carlos II morreu em fevereiro de 1685, após se converter ao catolicismo, estando em sua linha sucessória seu irmão, o Duque de York, Jaime II (James II), que já se havia declarado católico em 1673, quando se negou a prestar o juramento prescrito no Ato de Prova, instituído por James I, que pregava a exclusividade de acesso aos cargos públicos para os anglicanos e decretava como delito a recusa a fé na Igreja da Inglaterra (Anglicana).

Em 1686 o Rei força os juizes da Corte da Câmara a declarar que ele estaria dispensado das restrições religiosas impostas pelo Ato de Prova. Aproveitando a dispensa outorgada, Jaime II permitiu que alguns católicos romanos ocupassem os cargos mais altos do reino, provocando a intensificação das tensões religiosas.



Brasão Guilherme III



Brasão Rothschild

Até 1688 os ingleses tinham a expectativa de que Maria, a filha mais velha de Jaime II e esposa de Guilherme, o holandês Príncipe de Orange (na França), declaradamente protestante, lhe sucedesse ao trono. Entretanto em 10 de junho daquele ano a esposa de Jaime II dá a luz a James Francis Edward Stuart, encerrando de vez esta esperança.

Sentindo-se ameaçados por uma dinastia católica e uma suposta perda de terras, muitos protestantes influentes entraram em negociação com Guilherme, o Príncipe de Orange, que reúne um exército e marcha para Londres, com o apoio dos Whigs (partido político opositor dos Tories, que apoiava o Rei católico) e da princesa Ana, também filha de Jaime II.

Apesar de sua superioridade numérica, Jaime II decide não atacar o exército invasor e foge para a França, onde foi recebido pelo seu primo e aliado Luis XIV, que lhe dotou de um palácio, o Castelo de Saint-Germain-en-Laye, e uma vultosa pensão.

Como Jaime II tinha fugido, o Parlamento declarou que ele tinha efetivamente abdicado do trono, e assim o trono estava vazio. Para preencher sua vaga, a filha de Jaime II, Maria foi declarada Rainha e esta deveria governar juntamente com seu marido, Guilherme, que se tornaria Rei com o título de Guilherme III.

O Jacobitismo (não o jacobinismo), dado em alusão a forma no latinizada ao nome de James ou Jaime (Iacobus), foi a resposta dos católicos britânicos à deposição de Jaime II da Inglaterra promovida pelos protestantes em 1688. Os Stuarts passaram a viver no continente europeu, e os jacobitistas promoveram uma série de insurreições entre 1688 e 1746 visando restabelecerem-nos no trono britânico com a ajuda da França, Espanha e das forças católicas existentes em certas zonas como a Irlanda e as Highlands escocesas.

Dentro das Ilhas britânicas, o apoio principal ao Jacobitismo provinha da Irlanda e Escócia, zonas católicas. Também houve algum apoio do norte da Inglaterra e do País de Gales. Os realistas (royalists) apoiavam o Jacobitismo porque eles acreditavam que o Parlamento não tinha autoridade para interferir com a sucessão real e muitos católicos viam-no como o alívio da opressão protestante.

Em 1702 sucede a Guilherme III sua cunhada, a Rainha Ana I, também de confissão protestante, embora em 1701 a França tenha reconhecido James Francis Edward Stuart, filho do refugiado Jaime II, como Rei da Inglaterra e Escócia, concedendo-lhe o título de Jaime III da Inglaterra e VIII da Escócia.

O Ato de União promulgado pela Rainha Ana I em 1707 provocou reação dos escoceses e reacendeu a esperança dos jacobitistas em restaurar Jaime III no trono da Escócia. Mais uma vez a revolta foi rechaçada e a Rainha Ana I reinou entre altos e baixos até o ano de 1714, não gerando herdeiros, quando lhe sucedeu ao trono, em agosto, o Alemão Georg Ludwig (Jorge I da Grã-Bretanha), Príncipe de Hanôver e Príncipe Eleitor do Sacro Império Romano Germânico, sendo o primeiro monarca da casa dos Hanôver.

O Rei Jorge I foi o nome preferido pelo Parlamento Inglês em detrimento a mais de 50 reivindicações de herdeiros ao trono inglês. Tal decisão do Parlamento deu-se exclusivamente pelo fato de Jorge I ser declaradamente protestante e todos os outros pretendentes serem católicos.

Em 1715 explode a revolta Jacobita (O Quinze) que visava a restauração da casa dos Stuarts no trono inglês. A revolta é esmagada pelas tropas do Rei George em menos de seis meses. Os Whigs convencem o Rei da participação ativa dos Tories e consegue que seja aprovada no Parlamento a Lei Septenal, que garantia o mandato da maioria Whigs por oito anos. Até cerca de 1760 os conservadores Tories praticamente desapareceram da política inglesa.

Durante o reinado de Jorge I devido a sua carência no domínio da língua inglesa e ao pouco conhecimento dos problemas ingleses, o poder da monarquia na Grã-Bretanha reduziu drasticamente dando início ao atual sistema de Gabinetes dirigido paralelamente por um Primeiro Ministro, Sir Robert Walpole, Conselheiro Privado do Rei e líder do partido Whigs, de 1715 a 1742, fortemente envolvido com a Companhia dos Mares do Sul, que tinha como principal negócio o tráfico de escravos e especiarias entre as terras do sul da América e a Europa.

Aqui vemos aparecer o também pastor John Desaguliers, como renomado instrutor da Casa dos Hanôver para os Reis Jorge I e Jorge II e em 1714 a Royal Society o aceita como membro, onde este se torna íntimo de Sir. Issac Newton. Em 1717 irá promover o “reavivamento” da Maçonaria londrina e em 1719 será o Grão Mestre da Maçonaria em Londres.

Aqui temos mais um ponto de convergência histórica maçônica. A Companhia dos Mares do Sul possuía como investidores na Inglaterra o Sir Walpole, o Pastor James Anderson, o Pastor Desagulier, o Conde de Montagu e Issac Newton e posteriormente na América do Norte respeitáveis cidadãos como Benjamin Franklin. Todos Maçons.

Segundo o Ir.'. Bruce Hogg os “reavivadores” de 1717 eram todos ligados ou a Real Sociedade de Londres ou a Casta da Realeza ou ambos. O Ir.'. Hogg nos propõe uma pergunta: *“o que levou alguns entusiastas científicos para entrar na Maçonaria enquanto outros não fizeram tal adesão?”*

O Ir.'. Hogg continua: *“Em 24 de junho de 1717, como um movimento estratégico no jogo político de xadrez entre as Casas de Hanôver e Stuart, so Hanoverianos, apenas para realizar os seus próprios fins, reuniu quatro Lojas Maçônicas comparativamente sem importância situadas na periferia de Londres para formar a Grande Loja de Londres, a primeira Grande Loja da Maçonaria.”*

Ainda citando o Ir.'. Hogg: *“A Maçonaria sob Desaguliers tornou-se moda. A própria elite da Inglaterra rapidamente uniu-se a ela. Seus Mestres foram selecionados dos mais alto da nobreza. Poderosa na verdade tornou-se nossa Irmandade e ela foi definitivamente projetada para a influência temporal em razão da importância de seus líderes. Aqueles que desenvolveram essa nova ordem teve um sucesso que ultrapassou as suas mais caras esperanças. Seu objetivo era uma Loja central forte em torno do qual estariam as outras Lojas em e no entorno de Londres. Mas em torno deste novo movimento a nobreza, o clero, o exército, as classes médias, todas as forças da nação, reunidos em um único corpo. Tão surpreendente revolução do espírito humano não tinha sido testemunhado desde a explosão do cristianismo primitivo. A Inglaterra, descobriu uma unidade nacional e, como consequência, a Inglaterra tornou-se para todo o mundo civilizado um exemplo perfeito de governo esclarecido. A fórmula exata, adequada à quantidade, tinha sido encontrado. Quinze anos após sua formação, a Grande Loja de Londres tornou-se o centro de toda a Maçonaria Inglesa, e depois de 30 anos dominou a maçonaria de todo o mundo - graças a um homem!”*

Segundo o Ir.'. HL Haywood (Revista Builder, fev 1924, vol. X nº 2): *“Muito pouco se sabe realmente sobre a formação da primeira Grande Loja, mas parece certo que muito atrito foi gerado entre os membros ‘antigos’ e os velhos alojamentos independentes com relação as mudanças radicais que foram feitas pela primeira Grande Loja. Este fato pode significar que as inovações em rituais e regulamentos foram feitas e que isso despertou a inimizade dos ‘velhos irmãos’ que temiam inovações, nesse caso, fica evidente que o novo material foi introduzido de fora, senão não teria gerado qualquer insatisfação com a ‘nova ordem’ das coisas.”*

Para exemplificar o acima destacamos que no mais antigo Manuscrito Maçônico conhecido, o MS Dowland, datado de 1550, a Lenda do Templo (Naquita) é atribuída ao Rei Nimrod e a Euclides e Hiram Abif é mencionado como um entre diversos personagens. Entretanto a partir de 1611, com a introdução da Bíblia em Inglês (versão Rei James), o Templo de Salomão despertou muito interesse. No final do século XVII (1690-) era comum a exposição de maquetes deste famoso Templo nos lugares mais badalados de Londres. Em suas primeiras Constituições de 1723 o Pastor Anderson dedica algumas linhas a discutir sobre Hiram Abif e na revisão de 1738 a Lenda Noaquita é totalmente substituída pela Lenda do Templo de Israel.

No início do século XVIII (1701-) a cidade de Londres é infestada pela criação de diversos Clubes. Quase todo homem, rico ou pobre, pertencia a um, havia clubes de beber, clubes musicais, clubes literários, clubes de homens gordos, clubes chineses, clubes para os homens com narizes grandes e para os pequenos, e todos os outros imagináveis forma de organização para fins de sociabilidade. Em uma época em que os jornais diários eram inexistentes e os livros eram escassos, estes clubes eram centros de fofocas e informações em geral, bem como as sociedades para a propagação de várias "causas" (HL Haywood, 1924).

Segundo James Anderson, no final da “rebelião” de 1716, onde Lorde Mar tentou recolocar o católico James Stuart no poder, os maçons de remanescentes três Lojas de Londres e uma de Westminster reuniram-se na Aple Tree Tavern. Eram elas:

1. O Ganso e a Grelha (Goose and Gridiron) da Igreja de São Paulo, Londres
2. A Coroa, de Parker's-Lane, perto de Drury-Lane, Londres
3. A Macieira, da Apple Tree Tavern em Charles Street, Covent Garden, Londres
4. O Copázio e as Uvas no Channel Row, Westminster.

Os irmãos destas quatro Lojas decidiram que se reuniriam novamente na próxima Assembléia Anual, em junho de 1717, dia de São João Batista, onde Anderson faz o seguinte relato:

“No dia de São João Batista, no 3º Ano do rei George I, AD 1717, a Assembleia e Festa dos Maçons Livres e Aceitos foi realizada na Taverna O Ganso e a Grelha.

Antes do jantar, o mais antigo Mestre Maçom (agora Mestre de uma Loja) na presidência, propôs uma lista de candidatos adequados, e os irmãos, por maioria de mãos elegeram o Sr. Anthony Sayer, Cavaleiro, Grão-Mestre dos Maçons, que, foi investido com os encargos do Ofício e que depois de instalado foi devidamente parabenizado pela Assembléia que lhe rendeu homenagem. Como Grandes Vigilantes escolheu Sr. Jacob Cordeiro, Carpinteiro e Capitão Joseph Elliot“

Um relato do Ir.'. AF Calvert, da Grande Loja da Inglaterra, menciona que: *“A partir de 1717 e até 1736, a Loja nº 4 original (O Copázio e as Uvas), que se tornou No. 3 em 1729 e 2º em 1740, foi a primeira Loja do período do ‘Renascimento’. Considera-se provável que os membros dos números*

um, dois e três foram compostas em sua maior parte de pedreiros e irmãos da classe artesã, e essas lojas eram lojas operativas, enquanto a n.º. 4 pode ser considerada a única especulativa ou formada por cavalheiros e todos os principais homens do Ofício no início dos anos surgiu a partir dela. Enquanto os irmãos pertencentes as outros três Lojas antigos foram imponente tanto como a posição de número quanto social. A número 4 tinha um rol de 70 membros, e entre as pessoas de posição e proeminência Maçônica pertencente a ela temos o Duque de Richmond, que criou a Comissão de Caridade, Senhor Paisley, o Duque de Queensberry, Sir. Waldegrave, Sir Richard Manningham, o Conde de La Lippe, o Barão Kaw, Sir. Adolphus de Ongleton, o Conde de Loraine, Sir Thomas Prendergast, Sir. Carmichael, Conde Walzdorf, Marguis des Marches, o Sir. William Cozper, Grande Secretário, e Irmãos George Payne, Desaguliers e James Anderson”.

Em agosto de 1721 vemos na Ata da Loja da Capela de Santa Maria, de Edimburgo, na Escócia, está registrada a visita do Irmão Doutor John Desaguliers, membro da Real Sociedade e ex-Mestre Geral das Lojas da Inglaterra.

Percebemos neste ponto que nem todas as Lojas do Reino tinham aderido a idéia de unirem-se a recém criada “Grande Loja dos Maçons de Londres e Westminster”, até porque, como diz o próprio nome, ela se restringia as cidades de Londres e Westminster.

Segundo diversos historiadores, várias Lojas na própria Londres não só não pactuaram com a “nova” Grande Loja quanto a repeliram veementemente. Principalmente nas Lojas cujos membros eram de origem da Escócia e da Irlanda vemos nascer um movimento de “contra-reforma” que irá culminar na criação da Grande Loja dos Antigos, em 1751, pois estes consideravam que a Grande Loja de Londres havia se distanciado substancialmente das antigas práticas da Arte.

Isto ocorria devido ao fato de que em 1736 as Lojas da Escócia uniram-se para criar a Grande Loja dos Maçons Antigos, Livres e Aceitos da Escócia, encabeçados pela Loja Kilwinning e pela Loja Mary’s Chapell, as duas mais antigas de todo o reino.

Na Irlanda em 24 de junho 1725 temos registro de uma reunião da Grande Loja da Irlanda, em Dublin, para instalar o novo Grão-Mestre, Richard Parsons, 1º Conde de Rosse. Esta Grande Loja abrangia todas as Lojas e maçons da Ilha da Irlanda.

Os antigos registros da Grande Loja de Londres também informam que em 1730 o primeiro Grão Mestre, Anthony Sayer, foi convocado à Assembléia Geral para prestar esclarecimentos acerca de seu apoio e presença na criação de novas Lojas sem a devida permissão da Grande Loja. Isto demonstra que em seus primeiros anos a Grande Loja de Londres reunia-se com muitas dificuldades de dentro para fora, dando-nos a sensação que ela havia estabelecido uma inovação com relação aos antigos costumes.

Calvert, contemporâneo de Desaguliers nos dá conta que foi durante o mandato deste (1719-1720) que a Grande Loja realmente encontrou o seu caminho. Ele trouxe diversos maçons antigos retornaram as suas lojas, diversos nobres adentraram na Ordem e foram constituídas várias Lojas novas. Ele é o responsável por deixar como seu sucessor o Conde de Montagu (1721) e é neste ano que ee visita a Grande Loja da Escócia, em Edimburgo, e foi filiado como membro da Frateridade Escocesa.

É o Conde de Montagu quem conseguirá, pela sua ascendência nobre, oficializar a Grande Loja de Londres perante as autoridades da Inglaterra. Daí em diante as “cartas constitutivas” para “novos assentamentos” só seriam reconhecidos pelas autoridades caso tivessem Carta da Grande Loja. Estava fechado o cerco.

Evidente se mostra o fato de que as discordâncias entre os maçons antigos e os modernos se deram em razão dos antigos acusarem os modernos de rompimento com a antiga tradição. Os “aceitos” de Londres passaram a comportar-se diferentemente de todos os aceitos da Escócia e Irlanda e também de diversas Lojas na própria Inglaterra.

As principais acusações eram:

- 1 – a Instalação do Mestre da Loja, ou havia sido abolida ou teria sofrido fortes alterações;
- 2 – houve inversão do segundo grau com o primeiro e vice-versa;
- 3 – a Lenda Noaquita foi substituída pela Salomônica;
- 4 – as formas de reconhecimento foram adulteradas;
- 5 – a abolição do Real Arco;
- 6 – a criação do Terceiro Grau;
- 7 – a descristianização da instituição.

Segundo relato de Laurence Dermott (1752) a Grande Loja “apagou” de seus registros cerca de 45 Lojas entre 1742 e 1752 por não cumprirem com as novas obrigações.

Estas Lojas passaram a funcionar normalmente de forma isolada e sob a denominação de Lojas de São João.

Aqui encerramos de forma sucinta e histórica comprovável, dos primeiros e conturbados passos da Maçonaria, de sua suposta origem até a primeira “cisão” em 1752.

Não se trata de um trabalho que exaure o tema, mas de um apanhado histórico que esclareça e estimule a pesquisa.

Bibliografia

- 01 - Henry VIII" na Catholic Encyclopedia de 1913.
English | Eighteenth-Century Book Tracker London Lives 1690 to 1800 ~ Crime, Poverty and Social Policy in the Metropolis
London Lives 1690 to 1800 ~ Crime, Poverty and Social Policy in the Metropolis
Home | LOCATING LONDON'S PAST
Site: <https://rgle.org.uk/>
Site: www.masonslivery.co.uk



Marcos Vinicius T. Oliveira
Irmão Correspondente
Oriente de Portugal

ESPAÇO PUBLICITÁRIO



Instagram: @conectaassessoria

WhatsApp: (21)9.7033-6857

QUER ANUNCIAR CONOSCO?

WhatsApp: (21) 96503-6345

cloves@maconariatupiniquim.com.br